



Revista



SALA DE
FOTOGRAFIA



Manifesto

Para nós, todo mundo que passa pela Sala de Fotografia é aluno, não é cliente. Mas aluno não no sentido de que vem aqui para aprender. Quem aprende também passa muito aprendizado e se torna um amigo. E é assim que evoluímos muito a cada dia: com cada pessoa que nos visita e deixa um pouco da sua essência com a gente.

E olha que não é pouca gente que passa por aqui. Passa não, porque isso dá a impressão de pressa, e nós gostamos das coisas no nosso próprio tempo. Tanto que acreditamos que tudo tem um tempo de maturação, tudo é um processo. E assim não temos a urgência de divulgar as notícias no dia mesmo que elas ocorrem. Deixa para mês que vem, não tem problema, o conteúdo continua valendo. E até ganha destaque, porque daí podemos fazer uma análise mais criteriosa.

Nos envolvemos em muitos projetos diferentes, com muitas pessoas diferentes. Mas vocês todos, que nos acompanham, de perto ou de longe, nos projetos culturais, nas aulas ou nas expedições fotográficas, vocês todos são nossos alunos. Porque a Sala de Fotografia, apesar de tantas e tantas coisas diferentes que faz, gosta de manter um único foco bem definido: a educação visual.

O resto das atividades que exercemos pode ser sim uma cacofonia louca, porque acreditamos que tudo o que fazemos conta, tudo agrega para a criatividade, para a experiência. Mas o necessário é manter a ideia de levar mais longe e ajudar as pessoas a entenderem um pouco melhor esse mundo de imagens que inunda nossas telas todos os dias.

É tanta coisa que a gente fez neste ano que nem nós conseguimos mais lembrar direito de tudo. Para isso, surge essa revista, para relembrar tudo o que vivemos. E ela vem recheada de todo o conteúdo que repassamos neste ano, então ela é uma publicação pesada: pesada mesmo no sentido de densidade da informação. Também temos conteúdos novos, para continuar com a aprendizagem em leitura de imagens.

A revista é toda digital, para você ler onde quer que esteja: no banheiro, no ônibus ou na cama. Vem com a gente! E aguarde ansiosamente por 2017: o ano trará consigo uma Sala de Fotografia repaginada e mais forte, para continuar atuando no que a gente mais gosta!

06	Festivais de fotografia: FestFoto POA	24	Expedições Fotográficas	42	Carta aberta: Semana da Fotografia
Análise: Fórum Latino- Americano de Fotografia	10	Filme: Boi Neon	30	Carta aberta: exposição Passagens	44
14	Festivais de fotografia: Valongo	32	Exposições de arte: Picasso e pós- impressionistas	46	Retrospectiva Sala de Fotografia 2016
Festivais de fotografia: Jornadas: 11 Montevidéu	22	Mestrado: Leitura de imagens	36	Projeto: Matrimonium e Retratos de Família	50

Expediente - quem faz

Diretora Geral: Liliane Giordano
Fotógrafa e mestre em educação

Editora-chefe: Sabrina Didoné
Jornalista (MTB 0018277/RS)

Textos por: Sabrina Didoné
Fotos por: Liliane Giordano
Conselho editorial: Thayne Andrade

Análise - Festivais de Fotografia

FestFoto 2016

Muito mais do que uma reflexão sobre o papel da fotografia na atualidade, o sábado no Festival Internacional de Fotografia de Porto Alegre – FestFoto 2016 trouxe cases de sucesso na fotografia. O evento, que procura conexões internacionais constantes, aproveitou o último dia da programação para trazer estes parceiros para palestrar. A Sala de Fotografia esteve por lá no sábado para conferir. O FestFoto ocorreu de 10 a 14 de maio, no Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, na capital gaúcha. A fala mais marcante não foi estrangeira, nem a primeira. A fotógrafa Nair Benedicto encerrou a noite e foi contundente em seu discurso na palestra “Fotografia, Gênero e Cidadania”, completamente voltada para

a situação política pela qual passa o país. Afinal, o festival coincidiu com os dias do afastamento da presidente Dilma Rousseff. “Devemos ser insubmissos. Vivemos em um país em crise, no qual um golpe não é chamado de golpe, uma ditadura que não é chamada de ditadura”, enfatizou.

Ao final, Nair exibiu um vídeo que produziu na década de 80 chamado “O prazer é nosso”. O audiovisual trata da sexualidade feminina.

A fala de Nair e a exibição do próprio vídeo trouxe a reflexão por parte da plateia do machismo ainda existente em nossa sociedade – inclusive no campo profissional da fotografia e do audiovisual. O momento, de fato, é propício para buscar reflexões de fatos

que aconteceram no Brasil na época da repressão, inclusive na questão do feminino, na condição da mulher como profissional. Nair consegue retomar com este vídeo, mesmo 30 anos depois de sua produção, questões pertinentes que ainda precisam ser discutidas.

Ao final, o coordenador Carvalho se comoveu ao falar da extinção do Ministério da Cultura. Foram lágrimas de quem luta diariamente para fazer um evento cultural acontecer, e entende as suas dificuldades e falta de apoio. E que, de repente, percebe que todo o avanço que tivemos nesta área no país sofre um retrocesso, e o que já era difícil pode piorar. Carvalho leu uma carta aberta em que repudiava a extinção do ministério. Os protestos de artistas e produtores

culturais de todo o país deu resultado: com a pressão, o ministério foi recriado.

Mas antes de tudo isso, mais três palestras ocorreram no FestFoto, que esse ano teve como tema “Retratos de Família”. A primeira apresentação do dia foi de Irina Chmyreva, que falou sobre “Fotografia Russa Contemporânea”. A crítica, curadora e pesquisadora exibiu imagens de dezenas de fotógrafos russos, e contextualizou um pouco da história recente do país, sobretudo correlacionando com os tempos da União Soviética, quando era proibido fotografar nas ruas sem permissão, realizando um panorama da fotografia russa atual.

Em seguida, Wendy Watriss e Steven Evans falaram sobre sua experiência com o festival de fotografia de Houston,

nos Estados Unidos, que é um dos maiores do gênero no mundo. O festival contou com 275 mil visitantes em seis semanas, com mais de 120 galerias, museus e espaços artísticos. As crianças também foram incluídas no festival, com programas de alfabetização por meio da foto, a fim de que possam ter habilidades em diversas áreas, sobretudo na da linguagem.

A terceira palestra da tarde no FestFoto teve como tema “Fotografia e Arte – Caminhos públicos e privados”, e trouxe as experiências da Galeria Do Not Bend (Dallas – EUA), Centro de Fotografia de Montevideo (Uruguai) e Fotomuseo Cuatro Caminos (México). De acordo com o coordenador Carlos Carvalho, esta parceria com outros festivais

possibilitou ao FestFoto oferecer maior visibilidade para fotógrafos brasileiros no exterior. Ele ressaltou a importância das leituras de portfólio para a construção de carreiras internacionais.

Neste último dia de FestFoto 2016, não houve referências ao tema do evento, que era retratos de família. Fez falta a ligação com o assunto, sobretudo porque este era o momento de conclusão das discussões que ocorreram ao longo da semana.

Vale ressaltar que retratos de família é um tema muito relevante e sempre atual na fotografia desde a sua criação – e deve-se atentar para a importância do contexto não só particular de cada membro desta família, mas também dentro de um contexto social maior.



Aprendemos nos festivais de fotografia

Na fotografia atual, conta mais o **processo**

do que o *resultado*.

AUTOR não é só alguém que *aciona* o botão da câmera,

mas que é capaz de produzir **SENTIDO**
a partir do que fotografa.

Análise - Festivais de Fotografia

Fórum Latino- -Americano de Fotografia

O resgate de arquivos fotográficos foi um dos principais assuntos do 4º Fórum Latino-Americano de Fotografia, que ocorreu de 16 a 19 de junho de 2016, no Itaú Cultural, em São Paulo. Foi condutor que foi muito bem tecido, e que pautou todas as palestras e discussões, e mesmo as exposições fotográficas. Para onde olhava, o espectador conseguia entender o contexto - e a Sala de Fotografia, junto com seus alunos, esteve por lá para ver tudo isso.

Com o título “A fotografia como pensamento”, o Fórum teve uma escolha de tema feliz, que procurou expandir as fronteiras da reflexão sobre o tema. Pois, como observou no início do evento o fotógrafo, curador e agitador cultural latã Cannabrava, “estamos tratando a fotografia nesse fórum para além do ato fotográfico”. As discussões do evento, ao mesmo tempo que

jogaram luz sobre os arquivos, demonstrando que ele vai muito além de coisa velha, possibilitaram uma abertura de visão para que os fotógrafos ali presentes também se inspirem a trabalhar com este tipo de material. E para que pensem a foto muito mais como processo do que como algo acabado.

Afinal, vivemos em uma época em que praticamente tudo já foi criado. A ideia agora não é mais ter um grande resultado fotográfico. De novo, o Fórum chama a atenção para o processo, e não para o resultado da foto.

Então, já que vivemos em um tempo de ampla produção fotográfica, no qual é impossível absorver e perceber tudo, por que não ressignificar o que foi feito no passado? Por que não buscar nos arquivos material para um novo projeto?

Contexto

A palestra que deu o contexto de como o arquivo permitiu à foto se tornar peça de arte ocorreu na sexta-feira, com o tema “A Revanche do Arquivo Fotográfico”, com Joerg Bader, Mayra Mendoza e Rosângela Rennó, com mediação de Claudi Carreras. Quem explicou o título de “A revanche do arquivo” foi Joerg Bader. Para ele, o arquivo trouxe a foto para o salão nobre da arte. Relegada a ser uma mera reprodutora fiel de esculturas e pinturas, foi o arquivo que possibilitou que a foto se tornasse obra de arte.

Rosângela Rennó é uma das artistas que mais trabalham com arquivos no Brasil – ela vem trabalhando com este tipo de material desde 1992. “A revanche do arquivo pode ser dar visibilidade, quanto pode ser esquecimento. A punção de morte faz parte da constituição do arquivo”, afirmou. Ela ainda contou algumas experiências suas da sua produção, e sobre as dificuldades de se acessar os arquivos quando as instituições não querem liberar o acesso aos pesquisadores.



Não é só na fotografia que o processo importa mais do que o resultado. Para Rafael Vilela, representante do Mídia Ninja, isso também se aplica às narrativas. Ele falou no sábado à noite, em uma mesa com ativistas das novas formas de comunicação, sob o título “De Drones, Ninjas e Seres de Luz”. Kamikia Kisedje, cineasta indígena foi o primeiro a falar, e comentou sobre a AIK Produções, uma produtora de vídeos que é formada apenas por jovens do povo Kisedje.

Pedro Neves Marques falou sobre drones, e Rafael Vilela falou sobre Mídia Ninja – uma forma alternativa de produzir e distribuir conteúdo longe dos grandes meios de comunicação. Apesar de serem temas de difícil conexão entre eles, por fim se conseguiu ter

um debate interessante sobre o poder da narrativa para empoderar diferentes setores da sociedade, ou seja, a chance de dar voz a quem nunca conseguia ser ouvido.

Rafael Vilela ressaltou que acredita no empoderamento narrativo, no qual é possível se empoderar e produzir uma narrativa própria. Ao ser questionado onde quer chegar, enfatizou que não é essa a questão principal.

“Não importa onde vai chegar, mas como. Como solidário, colaborativo, desmonetarizado, se vai chegar a muitos. Se determinar o onde, fodeu. O como é que amplia o horizonte. É o processo que importa”. Rafael ainda explicou que não assina com seu nome as fotos, mas como Mídia Ninja, apenas.

**“A força da imagem não é a autoria,
é a sua circulação e a capacidade de
interferir na realidade que ela tem”.**

(Rafael Vilela)

Na sexta-feira, o Fórum apresentou um exemplo muito concreto de como utilizar os arquivos para realizar um projeto. O português João Pina, entrevistado por Luis Weinstein, arrebatou a plateia de diversas formas, em um relato muito íntimo sobre sua vida e seu trabalho. Ele lançou um livro: “Condor: o plano secreto das ditaduras sul-americanas”. Nesta obra, Pina resgata a operação Condor, que permitia às ditaduras perseguir exilados em qualquer um dos países sul-americanos, em uma aliança que aboliu as fronteiras de seis países. Ele se utiliza de fotos de arquivos da época, mas também produz novas imagens atuais em locais emblemáticos. “Um grande desafio foi: como se fotografa uma coisa que aconteceu há 40 anos?”, refletiu Pina.

Mudanças

Wendy Watriss também descobriu, tal como João Pina, que somente a fotografia não é capaz de mudar a história. Wendy contou que publicou nos mais importantes veículos de imprensa uma reportagem sobre os efeitos nocivos do agente laranja sobre os veteranos de guerra americanos. Mas ela só conseguiu mudanças quando influenciou políticos para mudar a lei.

“O fotojornalismo deve ter missão moral. O fotógrafo deve entender que imagem em si não é o suficiente para trazer mudanças”. Ainda de acordo com Wendy, para fazer documentários fotográficos com sucesso é necessário ir além da imagem.

Para finalizar as atividades do Fórum, no domingo, houve uma mesa com participantes dos grupos de trabalho da Rede Latino-Americana de Produtores Culturais de Fotografia. Esta rede não irá associar fotógrafos, mas sim produtores culturais, baseada na experiência brasileira, criada em 2010.

De novo, na conclusão desta análise, precisamos ressaltar a importância para qualquer pessoa ligada à fotografia em participar de festivais desse tema. Fenômeno que começou na América Latina e que se espalhou para outras partes do mundo, os festivais trazem uma renovação a arte e uma oportunidade de repensá-la para muito além de nosso âmbito cotidiano, no qual ela geralmente está ligada a um mero registro. Permite, ainda, conviver com outras pessoas, e criar um turbilhão de novas ideias que não é acessado de outra forma.



**“As discussões nos
fóruns não são tão
importantes como os
encontros das pessoas
nos corredores.**

**Estamos vivendo um
momento parecido
com a invenção da
imprensa. Todos
usam a fotografia,
e os fotógrafos que
eram especialistas vão
ficar de fora disso. A
tecnologia nos permite
nos apropriarmos de
tudo, porque seria
como dizer que o
escritor é dono da
linguagem, mas não é,
todos somos donos”.**

(Pablo Corral Vega)

Análise - Festivais de Fotografia

Valongo Festival Internacional da Imagem

O Valongo Festival Internacional da Imagem foi plural, assim como todo festival deve ser. Mas o evento foi muito além do que “deveria ser”: ao invés de celebrar a fotografia, celebrou a imagem. E assim conseguiu englobar muito do que permeia essa área, expandindo os horizontes de todos os participantes. Mais: conseguiu dar um novo uso para galpões que estavam abandonados há muito tempo, na área degradada do entorno do porto de Santos.

Assim, o evento, que ocorreu de 12 a 16 de outubro, não só instigou a mente dos fotógrafos, mas desafiou seu olhar a enxergar toda a beleza naquelas ruínas, e chamou a atenção para a reocupação daquele espaço histórico. Não precisa de mais nada para constatar que o evento

foi para lá de um sucesso. E a Sala de Fotografia esteve por lá e conferiu as dezenas de atrações.

Quer mais provas de que frequentar festivais de fotografia – neste caso, de imagem – é muito importante? Para além das discussões sobre as imagens, as quais já vamos relatar abaixo, as mesas, ao explicar os temas de projetos fotográficos diversos, entram em outros mundos, batem em outras portas. Nelas foram discutidas questões como aborto, feminismo, negritude, a questão das domésticas na sociedade brasileira. Coisas que até podem não fazer parte do nosso cotidiano, mas que fazem de outras pessoas, e ao conhecer projetos de Fotografia nesses festivais se tem contato com esses outros mundos.

E o festival oportuniza não só conhecer outros mundos, outras cidades, mas também outras pessoas. A festa de abertura - com o nome de Baile da Catraia (a catraia é um pequeno barco de madeira usado em Santos para transporte coletivo de passageiros) - foi genial nesse sentido, ao promover uma confraternização logo de início, pois assim já se conheceu as pessoas que depois iríamos encontrar em outros dias ao longo do festival. E se ver, se conhecer, de uma forma menos séria também é muito válida, afinal, se criam outros tipos de laços. E teve até a presença de uma escola de samba, que garantiu a animação, e trouxe a surpresa de uma coisa grandiosa sendo planejada. A festa mostrou que estava

todo mundo na mesma vibe, todos ali para se divertir e se conhecer. Só pela festa já teria valido a pena a participação no festival. Mas ainda tinha muito mais pra acontecer nos próximos dias.

Primeiras mesas

A mesa que abriu o festival na Arena Zum, no Teatro Guarani, teve como tema “Questão de classe: arte, política e documentação social”, com Bárbara Wagner, Luiza Baldan e Ana Lira. Elas conversaram com Marion Strecker, que destacou que todas elas preferiam ser identificadas mais como artistas visuais do que como fotógrafas.

Luiza Baldan explicou sobre projetos-residência que desenvolveu, um deles no Copan, emblemático edifício de São Paulo. Seu desafio nesses projetos foi pensar o que poderia registrar em ícones já tão fotografados. Ela conta que agrega fotos com textos em seus projetos, assim a imagem faz parte do conteúdo, mas de uma outra forma. No Copan, ela fotografava pessoas nos locais que mais gostavam no prédio, mas não só isso: antes de tudo pedia para contarem a história do porque da escolha.

“De alguma forma, essa inserção das pessoas fazia com que meu olhar também se transformasse para aquele lugar, que para mim era tudo igual.



Quando se chega a um lugar novo, há essa superficialidade no olhar. Mas por meio da condução de uma pessoa de dentro que confia, entrega, divide, fez com que eu começasse a participar um pouco mais daquele lugar”.

Essas histórias depois aparecem no projeto de Luiza em forma de textos mesclados em primeira ou terceira pessoa, ou ainda em recortes de jornais, pensamentos. Para a artista, faltava esse contexto.

Reafirma-se, assim, que nem sempre uma imagem dialoga por si só. Às vezes, o texto altera completamente a percepção do espectador perante uma obra. Uma imagem até vale mais que mil palavras, mas o diálogo que existe entre os dois meios merece ser explorado - o que já analisamos no texto sobre as exposições de arte em São Paulo (que você pode ler [aqui](#)).

A segunda convidada da noite, Ana Lira, explicou sobre o seu projeto de fotografar os cartazes políticos colados em vias públicas da cidade de Recife. E



assim fazia um mapeamento não só das costuras políticas ao longo do tempo, mas também as intervenções que as pessoas faziam naqueles materiais ao rasgá-los, rabiscá-los, vandalizá-los.

“Percebi que o que fazia não era só um exercício fotográfico. Era um processo muito forte de leitura crítica de imagem, era exercício de entendimento”.

Ana afirma que, ao fotografar ao longo de quatro anos esses cartazes, foi percebendo alianças de políticos que não estão mais juntos hoje. E isso foi lhe trazendo material interessante para entender como se estruturavam essas relações de poder dentro das eleições. A artista ainda explica que fotografava sempre de frente o cartaz, para dizer “estou olhando para você”.

Essas explicações que Ana deu sobre



o seu trabalho denotam um pensar no fazer artístico, onde não há escolha aleatória, tudo conduz para um fim. É um projeto longo, que acaba tendo fundamentação até pelo próprio tempo dedicado. Ela mostra cada etapa do processo, explicando porque o conduziu desta forma.

E essa foi uma constância no Valongo: os artistas, os fotógrafos tinham muita propriedade ao falar de seus projetos. Ressaltando, assim, mais uma vez o que temos visto sempre em todos os festivais: o processo conta muito, inclusive, mais do que o resultado.

Assim como teve um pensar artístico, um porque por trás de cada escolha, de Laia Abril, uma fotógrafa espanhola que vem desenvolvendo um projeto sobre o aborto. Ela descreveu seu processo de escolha das histórias, das imagens dos objetos da exposição, e explicou

que precisava sempre pensar em como mostrar de forma que as pessoas quisessem ver. Do contrário, se ficasse muito pesado, elas iriam embora sem observar tudo. A fotógrafa também tem consciência que seu trabalho talvez não mude opiniões.

“O aborto é uma questão de direitos humanos. Queria que as pessoas que entram na exposição e são contra, que pelo menos saiam pensando que suas convicções têm consequências”.

Laia participou da mesa “Meu corpo, minhas regras: aborto e feminismo na produção contemporânea”, na qual também esteve presente a artista Cris Bierrenbach, que também comentou sobre seus projetos com foco no feminino.

Ter uma mesa só formada por mulheres, e discutindo o feminismo e as regras de seu próprio corpo, é outro ponto que merece destaque no Valongo. A mediadora da mesa de Cris e Laia foi Bia Abramo.



A foto denota um momento importante para a história da Sala de Fotografia: o dia que integramos a Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil. O encontro da Rede ocorreu durante a programação do Valongo Festival Internacional da Imagem, em Santos. Neste dia, o professor e curador João Kulcsár assumiu o cargo de presidente da Rede.

Fique atento!
Esse é o início da análise do Valongo, logo será publicada no blog da Sala de Fotografia o texto completo



Expedição Fotográfica - Valongo 2016



Análise - Festivais de Fotografia

Jornadas:11 Montevideú

Fique atento! Logo sai a análise completa no blog da Sala de Fotografia sobre o Jornadas:11, o festival de fotografia de Montevideú, no Uruguai. Por enquanto, leia o relato na íntegra feito por Angela Ferreira, diretora e curadora do Festival Internacional de Fotografia Encontros da Imagem de Braga em Portugal.



“Na verdade, o paradigma da imagem mudou. E parece que a qualidade diminui em detrimento da qualidade. E parece também que a velocidade é tão vertiginosa que o autor vai se perdendo e se esquecendo. Vive-se então em uma era de pós fotografia, e parece que a urgência da imagem vai prevalecer sobre as qualidades da fotografia. E essa pulsão vai criar com certeza muita poluição. Isso faz com que o estatuto da imagem tenha que ser refletido.

Portanto, se o estatuto da imagem mudou, refletir sobre o lugar da imagem e refletir também sobre o lugar do autor é efetivamente um grande desafio. E, para dar a conhecer vivemos na pós-fotografia é aquilo que resta da fotografia, é refletir sobre o seu novo estatuto e parece então que a estética terá mudado.

Perante isso, tenho a intenção de dizer que existe uma espécie de mandamento que o autor tem que cumprir. Nesse sentido, deveria dizer que hoje o artista não produz obra, mas prescreve sentidos. Ou seja, o artista procura dentro do universo visual descortinar sentido. Isso significa que o artista também se confunde com o curador, com o colecionador e vai camaleonicamente trazendo novos significados aquilo que é fotografia.

Ao mesmo tempo, significa que o artista é colocado perante uma grande responsabilidade que é impor uma ecologia visual. O artista tem que ser capaz de reciclar e trazer sentido aquilo que é já um gesto de comunicação. A fotografia transformou-se efetivamente num gesto brutal de comunicar. Já não usamos imagem e usamos palavras e as palavras são imagens e, portanto, as imagens já são palavras e então há que dizer as palavras certas e utilizar as imagens certas e também é importante compartilhar.

O artista compartilha e o artista faz trabalhos de co-autoria. Portanto, cada vez mais o coletivo importa - como é o coletivo parceiro ou o meu trabalho que desencadeei com as nações indígenas, onde fiz um trabalho de coautoria porque o mais importante era efetivamente revelar sentidos. Neste trabalho, eu procurei designar que já é impossível guardar imagens. Vivemos numa era em que não temos capacidade de guardar mais, estamos cheios, saturados e talvez a única forma de guardar as imagens é o amor. Portanto, guardar através do amor e registrar através do amor. Talvez seja isso que vamos conseguir registrar na memória, já que a memória está tão cheia, está tão saturada.

Enfim este é o meu depoimento, de acordo com um ato quase performático também de artista e também de sonhadora.”

Angela Ferreira

diretora e curadora do Festival Internacional de Fotografia Encontros da Imagem de Braga em Portugal

Expedições Fotográficas

As expedições fotográficas da Sala de Fotografia procuram a sensibilização do olhar, o amadurecimento técnico, o desenvolvimento de uma expressão fotográfica pessoal e, ainda, a possibilidade de fazer novos amigos.

As viagens são encontro de apaixonados pela fotografia. Os destinos sempre proporcionam registros fotográficos relacionados com a natureza, o homem e seu patrimônio histórico cultural.

A educação do olhar também é uma preocupação constante, por isso, os festivais de fotografia entraram no roteiro das expedições fotográficas da Sala de Fotografia. Unir viagem a um festival que traz pertinentes observações pode transformar esta experiência em um divisor de águas para os interessados em aperfeiçoar não só a sua fotografia, mas o seu entendimento sobre o tema.





Expedição Fotográfica - Peru 2016







Filmes que todo fotógrafo deve assistir

Boi Neon

Cuidado, contém spoilers!

Um filme que parte do nada e chega a lugar algum. Isso pode soar negativo, mas é justamente um dos pontos fortes do longa metragem brasileiro Boi Neon (2015). O trunfo da história é mostrar uma realidade crua, aproximando o espectador do que é visto, mas com uma leveza e poesia originárias de um olhar atento, que percebe a beleza nas coisas mais comuns do dia a dia.

A sinopse do belíssimo filme dirigido por Gabriel Mascaro vai dizer que o enredo é sobre um vaqueiro nordestino que quer ser fashionista. Só aí já se teria uma brilhante ideia: um personagem imerso numa profissão intrinsecamente masculina, mas que pretende se aventurar pelos meandros de uma arte tão distante de sua realidade

e marcada pelo universo feminino. A história quebra estereótipos como este o tempo todo. Aliás, nem mesmo o vaqueiro é um protagonista tradicional – todos os personagens são de certa forma protagonistas e coadjuvantes. No enredo, estes personagens passam de cidade em cidade levando animais em caminhão para promover rodeios.

O filme é sobre esse vaqueiro, chamado Iremar (Juliano Cazarré), dizia a sinopse, que quer ser fashionista. Mas se percebe ao assistir Boi Neon que este é um filme sobre a proximidade do ser humano com os animais. E é aí que se imagina que ao mostrar uma realidade tão crua poderia produzir um filme brutal. Só que a leveza de cada cena, onde tudo é mostrado sem sobressaltos

– reforçando a ideia de que para aqueles personagens, tudo o que vemos é perfeitamente normal, é o seu cotidiano, transforma a história em uma experiência muito diferente de tudo o que se costuma ver em cinema – ou melhor, em histórias narradas.

Este cotidiano perfeitamente aceito acaba por quebrar mais um paradigma: os personagens são nordestinos que não querem migrar, que se sentem bem em sua terra. Os elementos em cena são tão simples, tão pobres, mas com uma beleza singela que mostra que a realidade não é tão ruim assim. Aliás, a composição de cada cena é outro ponto forte de Boi Neon. Cada composição é única, é linda, cada uma daria uma pintura. Para aprendizes de fotografia, prestar

atenção em como é composto cada quadro é uma aula.

Outro estereótipo que o filme quebra é sobre o padrão masculino, levando o espectador a se questionar sobre os seus próprios pré-conceitos. Pensa-se: se ele quer ser fashionista, deve ser gay. Inclusive, a cena de abertura do filme é de Iremar tirando as medidas da mulher que dirige o caminhão em suas andanças, a Galega (Maeve Jinkings). A cena se passa na apertada boleia do caminhão – único lugar onde há uma certa privacidade. Logo de imediato o espectador já acredita que vai haver alguma insinuação sexual entre os dois. Mas não. E então já se cria a ideia de que ele não é hetero, algo que é desmentido de uma forma magistral no final do longa. Da mesma forma, outro personagem que lida com os animais, naquele ambiente brutal, tem cabelos compridos e faz chapinha para mantê-los bem lisos. Para além do absurdo da vaidade em um ambiente assim, se imagina, de novo, que

ele seja gay. Só que ele é o primeiro a protagonizar uma cena de sexo no filme .

Falando em sexo, estas cenas merecem destaque em Boi Neon. Na primeira cena deste tipo no longa, os personagens atuam em meio aos animais, de pé, de novo traçando um paralelo de como nós, seres humanos, também somos parecidos com os animais e seguimos nossos instintos.

Mas a segunda cena de sexo é a que realmente quebra muitos tabus. O vaqueiro Iremar transa com uma mulher grávida que ele acabou de conhecer. O modo como este momento é filmado é belíssimo. Uma luz suave e difusa ilumina os corpos nus à noite, mas deixa explícito tudo o que eles veem. É poético, mas mesmo assim choca o espectador, por todos os paradigmas que são transcendidos nesta cena. Apesar de ser tão delicada, esta cena de novo remete a proximidade dos personagens com os animais. Porque em nenhum momento eles se questionam se transar quando ela está grávida é moral. Só fazem com se fosse a coisa mais natural do mundo. E ser natural é ser animal, é não ter esse juízo moral.

Estas cenas, tão poéticas, só são possíveis de serem transmitidas porque o filme tem o seu

próprio tempo. Nada é apressado nele. A câmera é fixa, que mal se mexe, ou se mexe lentamente. Os personagens não tem grandes emoções, nada é exagerado.

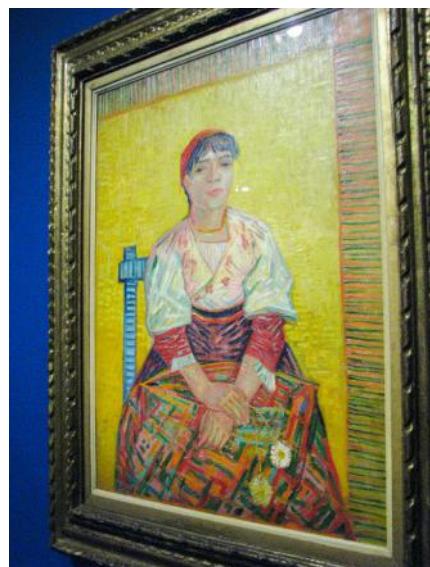
Cada cena de Boi Neon mereceria uma análise. Daria ainda pra destacar que o animal não é bem tratado no filme – mas o ser humano também não está no seu maior conforto ali, estão todos juntos. Ou ainda daria para discutir as cenas que ela usa uma máscara de animal e cascos de boi para fazer strip tease.

De fato, Boi Neon começa do nada e vai a lugar algum. Porque assim é a vida, ela não tem as viradas fantásticas que os enredos nos fazem crer. Ele até gostava de ser vaqueiro, e o sonho ficava para a noite de ser fashionista. Mas ele não alcança no final, ou alcança, não se sabe, nem sempre se alcança na vida, às vezes só fica assim, como um plano. Como uma pretensão, como algo a ser buscado e a tornar nosso cotidiano mais feliz.



Exposições que todo fotógrafo deve ver

Picasso e pós- impressionistas: exposições de arte em SP



Cada pequena experiência, cada estímulo, conta. Tudo incrementa nosso repertório intelectual. Você pode nem saber de onde vem uma inspiração, porque ela está lá, guardada em seu subconsciente, pronta para desabrochar quando você precisar ser criativo.

Quando o estímulo é arte, então, parece que todos os sentidos desabroçam, para quem tem a paciência de analisá-la. A Sala de Fotografia visitou em São Paulo duas exposições de arte: “O Triunfo da Cor: Pós-Impressionismo” e “Picasso: mão erudita, olho selvagem”.

A primeira parada foi no centro de São Paulo, ao CCBB (Centro Cultural do Banco do Brasil). A exposição ganha o nome de “Triunfo da Cor” pois reúne importantes nomes pós-impressionistas, que assim foram chamados por utilizarem uma nova linguagem estética baseada no intenso uso das tintas coloridas. Foi um deleite passear pela galeria e se aproximar de obras assinadas por grandes nomes como Van Gogh, Gauguin, Toulouse-Lautrec, Cézanne, Matisse, Monet.

Já a segunda visita foi à exposição “Picasso: mão erudita, olho selvagem”, trouxe mais de 150 obras do mestre espanhol, passando por todas as fases de sua vida e pelo seu vasto legado, que mistura influências e experimentações muito distintas entre si. Logo de cara, ao adentrar na exposição, uma surpresa: uma linda pintura chamada “Homem de Boné”, de 1895. Que ele pintou aos 14 anos, quando ainda era um aprendiz.

Mais adiante, a exposição trouxe outras fases de Picasso, muito distintas: o cubismo, seus trabalhos com figurinos e cenários de balé, seu flerte com o surrealismo e a sensualidade da série das banhistas – fortemente influenciado por sua vida pessoal neste momento, na qual ele tinha encontros amorosos furtivos com uma menina de apenas 18 anos na praia, mesmo continuando casado. Ainda perpassou obras sombrias que ele criou durante as guerras que chacoalharam o mundo naquele período, momento também conturbado em sua vida pessoal, no qual o tema da morte era tão presente na sua arte. Até chegar ao surpreende Picasso escultor, que brinca com argila.



Imagem e texto

Mas não basta apenas olhar. Uma imagem até vale mais que mil palavras, mas o diálogo que existe entre os dois meios merece ser explorado. Em ambas as exposições, os textos enriqueciam muito a experiência do visitante. Ao ler as explicações, ou apenas o nome da obra de arte, muito saltava aos olhos, muito se fazia entender e ficava mais claro. Como a obra “Bruxa com Gato Preto”, de Paul Ranson, 1893. Talvez você nem veja a bruxa em um primeiro momento. Mas ao olhar o nome do quadro, e voltar a analisá-lo, as imagens ficam mais claras. E depois que você enxerga, você nunca mais deixa de enxergar, o seu olhar não retorna mais ao estágio inicial.

E ainda como este quadro de Picasso, fruto da sua fase final e mais erótica, ganha outro significado ao ser observado depois de saber o seu nome: “A mulher que faz abortos ilegais com suas três filhas. Degas com as mãos nas costas”, de 1971.

E assim, por meio dos textos, fica ainda mais plausível fazer uma conexão entre pintura e fotografia – apesar de isso ser fácil, já que todas as formas de arte estão ligadas de alguma forma. Em uma das placas da exposição, lia-se uma ideia de Gauguin:

“A arte é uma abstração.
Extraia-a da natureza sonhando
diante dela, e pense mais na
criação do que no resultado.”

(Paul Gauguin, 1888)



Tudo se conecta. A arte preconiza o que a Sala de Fotografia viu ser discutido na fotografia em diversos festivais e também no Fórum Latino-Americano de Fotografia em São Paulo: conta mais o processo do que o resultado. Conta mais porque a foto foi feita, em qual contexto, de que forma, do que a imagem em si, como ela fica no final.

Em ambas as exposições, era permitido fotografar sem flash. E aí é preciso falar sobre o fenômeno da selfie, que acaba até atrapalhando a circulação dos visitantes ao longo da mostra. É natural que as pessoas queiram tirar selfies com as obras de arte: é algo para se orgulhar mesmo, ter visto um Picasso original de perto, ainda mais agora, que gostar de arte deixa de ser algo nerd para se tornar cool. Mas o maior triunfo de permitir fotografias em uma exposição assim não é a selfie de Facebook, que aparece mais a pessoa em si do que a obra. O sucesso é permitir que cada visitante possa mostrar e compartilhar com quem não foi o que viu, inspirar outras pessoas, ampliar o alcance dessa arte, tirar a obra do cavalete e transformá-la em algo vivo por meio do diálogo e da visualização dessas fotografias.



Arte viajante

Todas as obras-primas da exposição “O Triunfo da Cor” são do Musée d’Orsay e do Musée de l’Orangerie, ambos de Paris. As obras de Picasso também vieram da capital francesa: são parte do acervo do Musée National Picasso. É, de fato, um privilégio, saber que as obras viajaram até aqui para se aproximar dos brasileiros.

Em outras décadas, para ver obras assim, era sempre necessário ir para a Europa. A modernização dos museus, fruto de uma demanda interna e também internacional, permitiu que o Brasil passasse a fazer parte desse circuito mundial de arte. E fazer parte desse circuito contribui muito para a nossa formação educacional. Em um vídeo institucional do Itaú Cultural, exibido antes de cada palestra do Fórum Latino-Americano de

Fotografia, o escritor Luiz Ruffato é taxativo: “é o acesso ao lazer que determina se um país é desenvolvido ou não”.

Assim, com este acesso facilitado, seria imprescindível que cursos de arte de todo o Brasil conduzissem seus alunos a estas exposições em São Paulo. É por meio da apropriação do que já foi feito que é possível ser criativo e inovar na área, buscando para isso inspiração nos grandes mestres.

Da mesma forma, é de vital importância que fotógrafos, ou aspirantes a carreira, visitem exposições de arte para captar inspiração e sensibilidade por meio da observação. Estas exposições possibilitam visualizar e entender coisas diferentes, sobretudo quando se entende o processo do artista.

Por outro lado, uma ausência que não foi

sentida nessas exposições foi a das crianças. É inspirador ver pais conduzindo seus filhos nestas grandes mostras, apresentando-lhes com paciência as obras, contando as histórias dos pintores e chamando a atenção para os detalhes, sem deixar de dar espaço para os pequenos relatarem o que estão percebendo e do que gostam. Essa geração que tem contato com a arte desde tão cedo com certeza tem a sua criatividade instigada.

Se a arte sempre foi um prazer das elites, apesar de ser tão importante para a apropriação de mundo, para entender as referências que vemos no dia a dia, há que se comemorar essa introdução do Brasil no circuito das exposições internacionais. Privilegiado, agora, é quem dedica algumas horas a visitá-las.

Mestrado

Uma proposta de imersão no processo da fotografia e na leitura de imagens



A diretora da Sala de Fotografia, Liliane Giordano, concluiu neste ano o seu mestrado em educação. Sua dissertação se baseou na experiência com o Curso de Fotografia da Sala de Fotografia. Confira as considerações finais do estudo na íntegra.

“Ao finalizar esta pesquisa de mestrado em Educação, parte-se do título desse estudo para fazer as considerações finais: “Uma proposta de imersão no processo da fotografia e na leitura de imagens”. Ao iniciar essa pesquisa manifestou-se o histórico da pesquisadora como profissional da fotografia, sua formação e justificativa para ampliar o estudo da fotografia no campo da educação.

Apesar de a fotografia ser relativamente recente (menos de duzentos anos de existência) o espaço obtido nas últimas décadas, graças as tecnologias em desenvolvimento, tem-se ampliado. Por isso trazer a história da fotografia ancora essa pesquisa no universo visual, tanto da arte, quanto da educação.

Procurou-se destacar conceitos que apresentam a fotografia como documento, como expressão e como linguagem e sendo linguagem possível de leitura. Assim, buscou-se destacar a leitura de imagens como uma forma de ampliar o conhecimento da prática fotográfica.

O estudo de caso “Oficina de fotografia”, objeto de estudo da pesquisadora, foi um dos instrumentos de análise dos conceitos pertinentes à prática e ao estudo teórico da fotografia. Desde a descrição do espaço da Sala de Fotografia aos depoimentos dados pelos alunos, procurou-se apresentar possibilidades para uma “imersão no processo da fotografia” e, conseqüentemente, na leitura de imagens obtidas na oficina. Dessa forma, todos os procedimentos metodológicos desenvolvidos objetivaram sinalizar os conceitos que se manifestam nos estudos da história, da linguagem visual, da iconografia, da estética e da leitura de imagens.

O estudo apresenta resultados que indicam que a Oficina de Fotografia aprimorou o olhar dos educandos, observados nos relatos da pesquisa. A fotografia os fez observar os detalhes, se preocupar com o processo fotográfico, não só com o resultado da imagem. Os alunos passaram a ter um olhar atento, compondo a imagem fotográfica a todo instante. Esse entendimento sobre a linguagem fotográfica possibilitou que os alunos tivessem condições de ler imagens criticamente. Logo, exercitar a leitura crítica das imagens fotográficas, através do processo de entendimento de sua linguagem, pôde ajudar a transformar experiências vividas em conhecimento.

Conhecer a linguagem visual é de suma importância para o “alfabetismo visual”, conforme aborda Dondis. Quando o aluno tem conhecimento a respeito da “gramática visual” ele consegue expressar-se e compreender essa linguagem enquanto forma de arte e de comunicação.

A imagem, portanto, se torna uma forma de produção autoral, capaz de gerar uma reflexão sobre o resultado dessa produção, muitas vezes ultrapassando os limites do próprio olhar pelas diferentes articulações e possibilidades interpretativas. A criticidade perante a imagem passa a ser cada vez mais aguçada. O sujeito observa de forma atenta o que vê, não aceita todas as imagens que chegam aos seus olhos, pois reflete sobre elas, questiona-se e expõe sua opinião a respeito do que lhe é mostrado.

Pode-se dizer que a Oficina de Fotografia proporcionou uma aprendizagem baseada na experiência da relação do fotógrafo com o objeto a ser fotografado. Os alunos passaram a olhar,

não mais somente ver. Os participantes da Oficina também passaram a transpor nas suas fotografias as suas emoções, ou seja, a sua autoria ultrapassou o limite da informação visual ao criar uma imagem significativa.

Diante de tais considerações, nota-se que os fundamentos teóricos de Paulo Freire, Ana Mae Barbosa, María Acaso, Joan Fontcuberta embasaram a pesquisa de forma muito relevante, pois ajudaram a evidenciar uma forma de ensinar fotografia e explicitar os elementos da linguagem visual e as suas significações. Assim, percebe-se que a proposta de imersão no processo da fotografia e da leitura de imagens pôde contribuir para o aprimoramento estético e a educação visual dos educandos.

IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Nesta era da informação visual que vivemos, o ensino da fotografia tem ganhado mais espaço gradativamente, seja no ensino formal ou não formal. Cursos, oficinas e outras atividades vêm sendo realizadas por diferentes profissionais, em diferentes espaços e em diferentes níveis. Contudo, esse ensino não está ainda com um percurso didático adequado e fundamentado. O ensino, da maioria das propostas de atividades com fotografia, tem como objetivo final o resultado da foto, porque isso confere visibilidade e pode ser usado de forma documental da própria atividade em si. O que é proposto nesta dissertação não é uma idealização da fotografia produzida pelos alunos, nem busca necessariamente um resultado melhor, em termos técnicos nas imagens por

eles produzidas. O seu objetivo é fazer com que o aluno, ao realizar a Oficina, possa exercitar sua criatividade, criticidade, e que comece a interagir de outra forma com as centenas de imagens que o cercam diariamente.

A Oficina também contribui para que o aluno tenha autonomia para definir as suas imagens e escolher o seu enquadramento, se tornando autor desse ato de criação. Ele começa a ser responsável pela escolha das suas melhores imagens, criando assim, uma narrativa visual particular e fazendo também uma escolha das imagens do cotidiano com importância e relevância para sua vida enquanto informação visual.

Considerando a proposta didática da Oficina, nota-se que a interligação entre teoria e prática é essencial para um entendimento não somente da linguagem fotográfica, mas também da leitura de imagens. As saídas e expedições fotográficas são um forte exemplo dessa afirmação, pois o educando pratica o que aprendeu nas aulas, troca saberes com os colegas, explora o ambiente em diferentes ângulos, busca referência sobre o lugar e os objetos a serem fotografados, para ter condições de descrever o contexto de sua imagem. O percurso didático possibilita ampliar o conhecimento; escolher a expressão certa; e projetar com saber.

Embora a Oficina de Fotografia se encontre na Sala de Fotografia, um meio não-formal, sua proposta de ensino pode ser utilizada em instituições formais de ensino, pois sua metodologia contribui significativamente para a educação visual do educando, bem como para a inserção da tecnologia nas escolas, hibridizando arte e tecnologia.

Pode-se pensar a Oficina de Fotografia dentro de ambientes formais de ensino, já que o ensino das artes como disciplina obrigatória nas escolas é um momento privilegiado de abordar a leitura de imagens de forma mais sistematizada e crítica. Sem contar que muitos movimentos da área da arte/educação surgiram em ambientes de educação não-formais, como o Movimento Escolinhas de Arte que depois foi incorporado na escola como livre expressão.

Nota-se que as modalidades de ensino formal e não-formal envolveram-se de maneira determinante no percurso da arte/educação, e continuam provocando interações significativas tanto para o ensino da arte, quanto para as reflexões sobre a formação de arte/educadores.

DESDOBRAMENTOS DO TRABALHO

Essa pesquisa, portanto, não se esgota com o ponto final, mas lança sementes, com o intuito de colher os seus frutos. Diante disso, alguns desdobramentos aparecem: valorizar a fotografia na educação visual, promovendo conhecimento, enquanto linguagem artística; como proposta na educação, a Oficina instiga que ao fotografar é preciso conhecer o objeto, esse conhecimento envolve diversos saberes, no que diz respeito à tecnologia, são utilizados recursos tecnológicos que atraem e motivam o gosto dos alunos. Também pode ser utilizada como suporte de formação para docentes interessados em aprimorar seus conhecimentos a respeito da produção e leitura de imagens fotográficas.

Essa ideia advém da necessidade urgente de possibilitar que o aluno construa valores e princípios solidificados na teoria e na prática. Pode-se dizer que a fotografia é um meio que humaniza, pois quando o sujeito relaciona-se com o objeto a ser fotografado, ele passa a ter um vínculo de afeto, sentir emoções e sensibilizar-se com o ambiente.

A partir desta dissertação, é possível desencadear uma nova pesquisa com fundamentação a partir da semiótica, para pensar nas relações que se estabelecem entre o eu fotógrafo e o objeto a ser fotografado. Também seria possível aplicar este percurso didático em uma escola de ensino formal, comparando resultados com os obtidos na Oficina de Fotografia.

Cabe destacar que o processo de ensino-aprendizagem está em constante movimento e que todos os conceitos aqui apresentados manifestam-se na prática contínua da Sala de Fotografia e devem ser ampliados na sequência do trabalho.

A educação visual, ao ser abordada nas pesquisas acadêmicas, valoriza o trabalho dos profissionais da imagem, em todas as suas instâncias. Entretanto, ainda é um desafio, que, aos poucos, amplia-se e ganha espaço a partir de pesquisas como essa que, motivam, com certeza, novas relações entre o que se vê e como se mostra.”

Liliane Giordano
Mestre em Educação: arte,
linguagem e tecnologia
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Aprendemos com tantas curadorias

“Um curador tenta passar ao público o sentimento de descoberta provocado pelo encontro face a face com a obra de arte. A boa exposição é feita com inteligência e inventividade; com um ponto de vista. O público recebe um produto pronto, onde tudo está em seu lugar, da iluminação ao prego na parede (quando há pregos). Para chegar a exposição montada, inúmeras e difíceis decisões foram tomadas, desde a escolha das obras (quando há obras) à posição e o conteúdo de uma simples etiqueta (a etiqueta pode gerar discussões acirradas entre curadores, artistas, museus e galerias!)”

Nessia Leonzini



Carta aberta

Considerações finais sobre a 9ª Semana da Fotografia de Caxias do Sul

pela curadora Liliane Giordano



Dizem que a Semana da Fotografia é da Prefeitura de Caxias do Sul. É o entendimento da maioria das pessoas que ouvem falar ou que participam do evento. E elas não estão erradas, quem financia mesmo é a Prefeitura. Mas falar que quem faz um evento é a Prefeitura dá um sensação de que ele cai do céu, ou que brota da terra, completamente sozinho. Essa ideia esconde o esforço humano, esconde o quanto cada pessoa que participou da organização da Semana da Fotografia trabalhou para que este evento fosse realizado.

Sobretudo neste ano de 2016. A Semana foi de fato construída com poucas semanas de prazo. Ainda mais dessa vez, o esforço conjunto se fez valer. Se não fosse a empolgação e dedicação, e também o otimismo para acreditar que poderia ser feito, não teria nascido, pela nona vez, a Semana da Fotografia de Caxias do Sul.

E esse número 9 simboliza muito mais que uma contagem. Significa que o evento já tem um background, tem um passado rico que não pode ser desperdiçado. Só por essa história, já valeria a pena batalhar para fazê-



la. Não se pode deixar algo tão rico cair em um limbo devido a crise. Mas a batalha de muitos dessa equipe mostrou que há jeitos de se criar e recriar, inventar e reinventar um evento, mesmo em época conturbadas como a que vivemos.

Mas não é só pelo seu passado que a Semana da Fotografia de Caxias do Sul merece continuar viva. O evento é de extrema importância educacional para a comunidade. Com 21 atividades gratuitas, ele levou o aprendizado sobre a imagem de uma forma acessível e democrática a população. E não foram só palestras focadas em como tirar uma boa foto. A amplitude didática foi incrível, repercutindo em diversas áreas das artes visuais. Já dizem os teóricos que, em um mundo no qual vivemos, no qual cada um de nós se depara com centenas de fotos por dia, a educação visual – educar para a leitura da imagem – se tornou fundamental. Tem-se, agora, a noção de que o analfabeto do futuro será aquele que não souber ler imagens, conforme afirma o designer, fotógrafo, pintor e professor de design László Moholy-Nagy.

Alguns nomes foram imprescindíveis para a realização. Carine Turelly, Marcia Dall'Ago, Elenira Prux congregaram as unidades culturais da Secretaria da Cultura num esforço conjunto. Esta equipe, reunida, agregou força, dinâmica, disponibilidade, para impulsionar o evento e para transformá-lo em mais uma edição de sucesso. E, pela primeira vez, a Semana da Fotografia contou com uma curadoria, que estendeu o seu trabalho a toda a programação. Seu papel foi propor atividades com um fio-condutor bem definido, além de atentar para detalhes da organização, planejamento e logística do evento.

Para além das atividades, contou com 11 exposições fotográficas, reunindo um verdadeiro esforço de poder público e entidades privadas. Apesar de ter outras instituições que participam da Semana da Fotografia, ainda há uma longa caminhada a ser percorrida, para reunir de fato todos os que atuam nessa arte na cidade.

O grande aprendizado dessa Semana da Fotografia talvez seja o otimismo, seja o de acreditar nas ações coletivas e no potencial individual de muitos que contribuíram para este evento. Ameaçada seriamente de não ocorrer por falta de verbas, uma semana acabou tendo 13 dias. Sim, a Semana deveria se chamar Uma Semana e Meia de Fotografia. Mesmo que muitos afirmassem com convicção de que ela não tinha mais a chance de sair do papel, o evento se reinventou, e saiu muito mais forte para enfrentar o ano em que completa uma década.

Carta aberta

Considerações finais sobre a exposição Passagens

pela curadora Liliane Giordano



Quando nasceu a ideia para o projeto que viria a se tornar o que hoje conhecemos como Passagens, o objetivo era compilar algumas fotos históricas para a cidade de Caxias do Sul registradas por Julio Soares. E a forma pensada era agregar uma exposição fotográfica com shows para celebrar os 25 anos de carreira do Julio. Para quem nunca tinha pensado em fazer uma exposição fotográfica oriunda de seu trabalho, já era uma concepção ousada. Agora, mais de um ano depois, olhando para o caminho percorrido nestas Passagens pelos bastidores do projeto, podemos concluir que, sim, fomos muito além desta concepção inicial. Não tivemos shows. Não tivemos banda. Mas tivemos a arte sendo expandida, tivemos não só uma exposição com quadros nas paredes. Tivemos uma verdadeira instalação artística, com direito à interação do público.

Os resultados falam por si só. Julio Soares entrou nesse projeto pensando em exibir um pouco de seu legado histórico como fotógrafo para a cidade. No meio do processo, se descobriu artista. Descobriu que, mesmo as fotos que ele não considerava históricas, ou que ele nem gostava tanto, tinham um valor intrínseco.

Outro grande resultado foi ter registrado o maior público de uma inauguração na Casa da Cultura. E não tem como argumentar que este público provém apenas das inúmeras relações que Julio criou nestes 25 anos de carreira. Se este fosse um argumento crível, não haveria outra estatística para além da abertura – números estes que dizem

PASSAGENS

25 ANOS DE HISTÓRIA EM IMAGENS

por **Julio Soares**

CURADORIA LILIANE GIORDANO

que houve uma intensa visitação ao longo de todo o período. As pessoas ficaram curiosas, foram instigadas a verem, a se inserirem nesse mundo da arte. Algumas, até, não sabiam se era gratuito, nunca tinham ido a Galeria. Mas quebraram essa barreira, porque queriam ver um pouco mais do que já tinham lido no jornal, no Facebook, visto na televisão.

E aqui é que percebemos como o trabalho de um complementa o de outro nessa equipe. Se saiu tanto no jornal, é porque houve uma excelente divulgação. Mas uma divulgação vazia não se sustenta, então se percebe que o conceito da exposição estava bem trabalhado, de forma que despertou a atenção dos jornalistas. E, claro, as entrevistas, as histórias que foram contadas nelas, foram atraentes. A identidade visual estava moderna, limpa, que demonstrava, logo a primeira vista, que era um trabalho profissional. Que havia mais a ser visto. E é claro que tudo começou por um projeto bem escrito, que permitiu a captação da verba, sem a qual nada disso seria possível.

Uso o sujeito na primeira do plural ao longo deste texto porque tudo o que foi realizado dependeu de uma equipe bem estruturada. Não é exatamente comum as exposições fotográficas nascerem de um grupo no qual cada um tem uma função bem definida, e com um background que recende a anos de experiência. A isto, se deve agradecer ao financiamento público, pois quando as verbas são particulares, fica muito mais difícil contratar profissionais.

E ter uma equipe especializada fez toda a diferença. Isto não quer dizer que cada um se ateu a sua tarefa e só. Foram inúmeros telefonemas, muitas reuniões, brainstorm, questionamentos. De alguns profissionais, se exigiu ir além de suas funções para cumprir todas as demandas que a exposição pedia. O que importa, ao fim de tudo é que era uma equipe comprometida com o resultado, comprometida com o objetivo de fazer o seu melhor.

Digo ao fim de tudo, mas não é para soar tão definitivo. Novas portas se abriram, pois não há como ter trabalhado na exposição Passagens e não ter adquirido experiência. Com certeza, ela foi um divisor de águas para todos nós. E agora cabe a nós utilizar estas experiências que agregamos para construir novos futuros. Se criaram pulgas atrás das orelhas ao pensar o que faremos em seguida, e novas ideias já estão começando a surgir, da mesma forma que se iniciou a exposição que agora finalizamos. Novos planos já estão sendo traçados. Lá nos bastidores, pode ainda ser só uma marolinha. Que depois pode atingir a todos nós, como equipe novamente, como uma onda. Ou então um tsunami, se repetirmos o feito de recorde de público. Porém, a nós não basta repetir. O objetivo agora é superar. Que venham os próximos projetos.

Retrospectiva Sala de Fotografia 2016

JAN

finalização do planejamento da Sala de Fotografia para 2016



saída fotográfica a São Marquinhos da Linha Feijó - interior de Caxias do Sul



abertura da exposição fotográfica Matrimonium na Praia do Rosa (SC)

lançamento do Matrimonium: projeto de fotografia de casamento de Liliane Giordano e Thayne Andrade

conquista do título de mestrado pela diretora da Sala de Fotografia, Liliane Giordano

FEV

MAR

expedição fotográfica a Minas Gerais – cidades históricas

participação no festival de fotografia Foto em Pauta, em Tiradentes (MG)

abertura da exposição “A Fé que Conduz: do Senegal a Caxias do Sul”, por Marcia Marchetto, com curadoria de Liliane Giordano, no Museu Municipal de Caxias do Sul



ABR



participação no festival de fotografia Canela Foto Workshops, em Canela (RS)

organização do evento de confraternização que apresentou a cultura dos imigrantes italianos aos senegaleses no Museu Municipal de Caxias do Sul

MAI

participação no festival de fotografia FestFoto, em Porto Alegre (RS)



Liliane Giordano participa como voluntária do projeto “Quem ama cuida e cria meios para tornar cidadãos inteiros” da escola municipal Nova Esperança. A fotógrafa fez palestras de sensibilização para alunos de 6º a 9º ano do ensino fundamental.



participação no Fórum Latino-Americano de Fotografia de São Paulo (SP)

expedição fotográfica a São Paulo

lançamento do livro “Ecos do Passado”, de Marcos Kirst. Sala de Fotografia realizou a restauração das fotos antigas presentes na obra.

participação na Semana do Meio Ambiente de Caxias do Sul 2016

JUN

Retrospectiva Sala de Fotografia 2016

JUL

abertura da galeria do Edifício Estrela, em Caxias do Sul, sob curadoria da Sala de Fotografia

abertura da exposição fotográfica "Poética das Linhas", de Liliane Giordano, no Edifício Estrela

Diretora da Sala de Fotografia palestra no Clube do Fotógrafo de Caxias do Sul sobre curadoria e concepção de projetos fotográficos

abertura da exposição fotográfica "Coleção de Memórias", do coletivo fotográfico, com curadoria de Liliane Giordano, no Museu Municipal de Caxias do Sul

organização do Jantar da Fotografia na CIC, em Caxias do Sul

Sala de Fotografia faz a curadoria completa da IX Semana da Fotografia de Caxias do Sul (2016)

abertura da exposição fotográfica "Passagens", de Julio Soares, com curadoria de Liliane Giordano, na Casa da Cultura

AGO

SET

abertura da exposição fotográfica "Salientes", de Liliane Giordano, no Edifício Estrela

expedição fotográfica ao Peru



participação na 32ª Bienal de São Paulo

participação no festival de fotografia Valongo Festival Internacional da Imagem (SP)

expedição fotográfica a Santos (SP)

Liliane Giordano promove experiências fotográficas com ação educativa embasada nas sensações dos cinco sentidos, junto a exposição Coleção de Memórias, no Museu Municipal de Caxias do Sul

OUT

NOV

última saída fotográfica do ano. Em 2016, foram mais de 10 saídas promovidas

lançamento do calendário da paróquia Nossa Senhora de Lourdes, em Caxias do Sul, com fotos de Liliane Giordano.

lançamento do calendário Pe. João Schiavo, em Caxias do Sul. Com fotos de Liliane Giordano e projeto gráfico da Sala de Fotografia.

última turma do curso de fotografia de 2016. No total, foram 16 turmas neste ano.

abertura da exposição fotográfica "Ainda existe amor", de Eduardo de Moraes, no Shopping San Pelegrino de Caxias do Sul (RS)

últimos eventos fotografados por Liliane Giordano em 2016. No total, foi mais de 1 terabyte de imagens geradas neste ano.

participação no festival de fotografia Jornadas: 11, em Montevideu, Uruguai

Expedição fotográfica ao Uruguai

DEZ

Projeto

Matrimonium

As fotógrafas Liliane Giordano e Thaynne Andrade propõem no projeto Matrimonium um olhar feminino sobre a fotografia de casamento – o matrimônio. A sensibilidade e a atenção a cada detalhe produzem imagens preocupadas em contar não apenas a história dos personagens principais da festa, os noivos, mas também dos outros envolvidos nesta crônica social. Afinal, um casamento é um acontecimento importante para a história de uma família, e estas imagens se perpetuam por gerações.

Matrimonium, em latim, significa o mesmo que em nossa língua mutável: matrimônio/casamento. Escrever essa palavra em uma língua morta tem um simbolismo de perpetuação. A celebração da união de duas pessoas é um rito social que se eterniza ao longo de muitos séculos. Pode haver mudanças na sua forma, mas vai continuar a existir no futuro como um significado de alegria pela união de duas almas.

O evento social que chamamos de casamento se transformou com o passar dos tempos. Atualmente, não simboliza apenas a união de um homem e uma mulher. Um enlace pode ser entre dois homens, duas mulheres. Mas é sempre o início de uma família, e sempre um dia de expressar felicidade. Muda também a perspectiva de se ver um casamento, de se produzi-lo, e representa-lo pelas lentes fotográficas, esta sim, a única forma de perpetuá-lo, de parar o tempo para que ele seja eterno.



Projeto

Retratos de Família

Todo evento é uma reunião de família. Uma festa nunca é somente o protagonista: não são só os noivos, não é só a gestante. É o contexto familiar que aparece nesses momentos especiais.

A fotografia de Liliane Giordano e de Thaynne Andrade procura ressaltar esses laços familiares. Por meio de fotolivros – verdadeiros álbuns de família – procura evidenciar vínculos que vão ser contados nessa história registrada para os anos vindouros.

Assim, cada cliente é exclusivo. Liliane e Thaynne procuram conhecer e compreender o funcionamento dessa família, para ganhar intimidade e criar retratos únicos e espontâneos. Os trabalhos são sempre entregues em um conjunto, pois estão inseridos em um projeto mais amplo. Não basta entregar fotos dispersas: há a constituição de uma história que, por meio do fotolivro, é contada em capítulos bem estruturados.



Aprendemos com tantas curadorias

“É uma
questão de
olhar, olhar,
olhar e então
olhar de novo,
porque nada
substitui o
olhar...”

Gilbert & George



Parceiros

Agradecemos aos parceiros da Sala de Fotografia em 2016:

- Arquivo Histórico João Spadari Adami
- Clube do Fotógrafo de Caxias do Sul
- Emílio Emoldurações
- Go Image
- Golden
- Ideias que Colam
- Imprezz
- Museu Municipal de Caxias do Sul
- Plug Ideias em Comunicação
- Unidade de Artes Visuais da Secretaria Municipal da Cultura
- Unidade de Cinema da Secretaria Municipal da Cultura
- Viacolor

Revista



SALA DE
FOTOGRAFIA